

Carlos Manuel Ferreira da Cunha

Universidade do Minho

O legado político de Edward Said

No prefácio à última edição de *Orientalismo* (2003), Edward Said lembra-nos que a filologia humanista e da literatura comparada podem contribuir de modo relevante para o diálogo intercultural entre os povos, com uma função mediadora, como no conflito entre Israel e a Palestina. Realça mesmo dois textos de Erich Auerbach que, no seu entender, exemplificam a importância da missão da filologia hermenêutica enquanto modo de acolhimento do “Outro”¹, o estrangeiro, criando um espaço para ouvir e compreender as obras que de outro modo permanecerão sempre distantes e estranhas:

O principal requisito para a compreensão filológica de que Auerbach e os seus predecessores falavam e que tentavam pôr em prática era aquele que, empática e subjetivamente, entrava na vida de um texto escrito tal como este era visto na perspectiva do seu próprio tempo e do seu autor (*eingefühlung*). Em vez da alienação e hostilidade em relação a um outro tempo e a uma cultura diferente, a filologia tal como seria aplicada à *Weltliteratur*, envolvia um profundo espírito humanista que implicava generosidade e, se me permitem a expressão, hospitalidade.²

¹ O ensaio “Philologie der Weltliteratur” (1951) e a influente *Mimesis* (1946).

² Edward Said, *Orientalismo*, trad. Pedro Serra (Lisboa: Cotovia, 2004) [2003], p. xxi; cf. Edward Said, “Introduction to the Fiftieth-Anniversary Edition”, Erich Auerbach, *Mimesis: The Representation of Reality in Western Literature* (Princeton: Princeton University Press, 2003), pp. xii-xiv; Edward Said, *Humanism and Democratic Criticism* (New York: Columbia University Press, 2004), pp. 91-92.

O facto de estas palavras se encontrarem no prefácio da obra que em 1978 tinha denunciado a apropriação e a colonização do “Oriente” pelas potências ocidentais e pelas suas representações, suscitou algumas críticas. Edward Said parecia ter abdicado da atitude combativa presente na sua obra ao voltar-se para a filologia e para um humanismo que denomina democrático³. Há ou não uma posição regressiva no itinerário político e intelectual de Edward Said? É a esta questão que procuraremos responder.

De facto, não nos parece exato afirmar que se verificou um retrocesso na sua trajetória intelectual ou que traiçou as causas políticas em que se envolveu, como os temas da sua última fase podem sugerir. Mas esta mudança não agradou aos teóricos do pós-colonialismo nem aos académicos mais tradicionalistas⁴.

Por um lado, é preciso ter em conta que a atividade profissional de Said ao longo de quatro décadas na Columbia University foi sempre a de professor de Inglês e de Literatura Comparada, como faz questão de sublinhar neste prefácio: “Nunca lecionei *nada* sobre o Médio Oriente, sendo como sou, por formação e prática, professor das principais humanidades europeias e americanas, especialista em literaturas modernas comparadas.”⁵

Por outro lado, observa-se assim uma certa continuidade no percurso de Said, em termos académicos, na medida em que sempre admirou uma certa tradição humanista e comparatista cuja génese localizava em Vico, na filologia, na hermenêutica de proveniência alemã e nas origens e desenvolvimento da literatura comparada ao longo dos séculos XIX e XX. Deu sempre uma particular ênfase aos romanistas alemães Erich Auerbach, Ernst R. Curtius e Leo Spitzer, que nos finais da Segunda Guerra Mundial procuraram estabelecer a unidade da literatura e da cultura europeias⁶. Curiosamente, essa

³ Edward Said, *Humanism and Democratic Criticism* (New York: Columbia University Press, 2004).

⁴ Cf. Gourgouris Stathis, “The Late Style of Edward Said” (*Alif: Journal of Comparative Poetics - Edward Said and Critical Decolonization*, 25, 2005), p. 37.

⁵ Edward Said, *Orientalismo*, p. xii.

⁶ Edward Said, “Introduction to the Fiftieth-Anniversary Edition”, p. xi.

admiração não o impediu de lhes fazer reparos pela ausência de um compromisso político⁷. Ao mesmo tempo, observa-se em Said uma espécie de projeção autobiográfica, em particular em relação a Auerbach, com quem partilha a experiência do exílio e a vontade de conciliação de povos e de culturas em confronto. Auerbach era judeu e romanista na Alemanha nazi, o que lhe valeu o exílio, mas não lhe retirou o impulso universalista e humanista, presente em *Mimesis*, que escreveu na Turquia: “the reader is inevitably led to the paradox of a Prussian Jewish scholar in Turkish, Muslim, non-European exile handling (perhaps even juggling) charged, and in many ways irreconcilable, sets of antinomies.”⁸

Como sublinha, ser romanista na Alemanha daquela época, após o conflito mundial que envolveu a Alemanha e a França, tinha implicações ideológicas, equivalia a estudar o “inimigo”, com a típica simpatia da hermenêutica filológica, procurando superar a conflitualidade presente “with a welcoming, hospitable attitude of humanistic knowledge designed to realign warring cultures in a relationship of mutuality and reciprocity.”⁹

Ao mesmo tempo, não deixa de realçar, em tom melancólico, que a grande obra de Erich Auerbach, *Mimesis*, era, “an autumnal, reflective essay”, “with a somewhat pessimistic tone”¹⁰, uma “elegia”¹¹ a uma época em que a especialização dos saberes invalidava a utopia da *Weltliteratur* goethiana e implicava a dissolução da filologia. Ora, como observa, o pessimismo presente no ensaio de Auerbach de 1951, “*Philologie der Weltliteratur*”, tinha a ver com o facto de ele atribuir à filologia uma missão cosmopolita e pacificadora¹².

⁷ Gauri Viswanathan (ed.), *Power, Politics and Culture: Interviews with Edward Said* (New York: Pantheon Books, 2001), p. 141.

⁸ Edward Said, “Introduction to the Fiftieth-Anniversary Edition”, p. xviii; Edward Said, *Humanism and Democratic Criticism*, p. 98.

⁹ Edward Said, “Introduction to the Fiftieth-Anniversary Edition”, p. xiv.

¹⁰ Edward Said, “Introduction to the Fiftieth-Anniversary Edition”, p. xvi.

¹¹ Edward Said, *Orientalismo*, p. 20.

¹² Edward Said, “Introduction to the Fiftieth-Anniversary Edition”, p. xvi; cf. p. xiv e p. xxxii.

Se é verdade que este retorno à filologia de Edward Said¹³ é revelador de uma espécie de abrandamento da urgência que antes atribuía à esfera da ação política, não é menos verdade que continuou empenhado na necessidade de um compromisso entre os povos e as culturas, através de uma compreensão mútua, que agora considera indispensável. Este processo envolve, como sublinha, dois momentos complementares, a receção e a resistência. O que mudou em Said tem a ver com o facto de passar a valorizar mais a atitude recetiva: “Reception is submitting oneself knowledgeably to texts”¹⁴; “and what enables the reading is an irreducibly personal act of commitment to reading and interpreting, the gesture of reception that includes opening oneself to the text”¹⁵. À atitude recetiva corresponde a perspetiva filológica, na medida em que procura captar a “intenção do autor”, para depois lhe poder “resistir”. Aplica deste modo a tradição da filologia hermenêutica ao serviço das causas humanas, do conhecimento recetivo e hospitaleiro do “outro”¹⁶, defendendo uma necessidade prévia de estabelecer uma “sim/patia” com o texto, questionando-se ao mesmo tempo sobre a sua “localização” ideológica.

¹³ A propósito da valorização da filologia por parte de Edward Said, Geoffrey Harpham dá o exemplo do “último” Paul de Man. No entanto, sublinha que em P. de Man e E. Said este apelo tem um alcance bem diferente de um mero “regresso à filologia”: “What de Man and Said mutually demonstrate is not really the value of philology – a concept whose meaning has suddenly become uncertain – but the perennial appeal to literary scholars of the idea of a unified, empirical discipline, a scholarly practice that is as clear and definite as science.” Geoffrey Harpham, “Returning to Philology. The Past and Future of Literary Study”, Koen Hilberdink (ed.), *New Prospects in Literary Research* (Amsterdam: Royal Netherlands Academy of Arts and Sciences, 2005), p. 13.

¹⁴ Edward Said, *Humanism and Democratic Criticism*, p. 61.

¹⁵ Edward Said, *Humanism and Democratic Criticism*, p. 66.

¹⁶ “O que eu também defendo é que existe uma diferença entre o conhecimento de outros povos e de outros tempos que é produto do entendimento, da compaixão, do estudo cuidadoso e da análise séria, e, por outro lado, o conhecimento - se é que é disso que se trata - que faz parte de uma abrangente campanha de auto-afirmação, beligerância e guerra directa. Existe, afinal de contas, uma profunda diferença entre a vontade de compreender por razões de coexistência e de alargamento de horizontes humanísticos, e a vontade de dominar por razões de controlo e domínio externo.” Edward Said, *Orientalismo*, p. xv.

No início da sua obra, Said atribuiu a primazia à “resistência”. Em *Culture and Imperialism*, por exemplo, afirmava: “there was *always* some form of active resistance and, in the overwhelming majority of cases, the resistance finally won out.”¹⁷ Por isso, considerava que o papel do intelectual consistia em “falar verdade ao poder”¹⁸.

Na sua última fase, porém, privilegia a “recepção”. Procura assim mostrar que através deste “humanismo democrático” o intelectual deve continuar a falar verdade ao poder, mas com a autoridade desinteressada nascida da “com/paixão” e do fundo conhecimento dos contextos sobre os quais escreve. Define esta atitude como uma política de “mediação cultural” que coenvolve a inclusão do outro e o respeito mútuo, em vez de promover a exclusão e o conflito. Trata-se, como sublinha, de uma “interpretação secular”, baseada na “crítica democrática” em geral e na “hermenêutica filológica” em particular. Valoriza assim as conversações diretas, para promover a coexistência e a solidariedade, a fim de isolar os exclusivistas, os racistas e os fundamentalistas. A ação política volta-se deste modo para a compreensão das diferenças, para a identificação dos amigos e dos possíveis amigos, a fim de alargar os limites da solidariedade¹⁹.

Deste modo, Said não abandona as preocupações políticas. Se em *The World, the Text and the Critic* criticava um certo ensimesmamento da teoria crítica, que se retraíra num “labirinto de textualidade” desde os anos 60, agora manifesta-se contra o fechamento académico dos estudos literários, defendendo que eles só podem ser salvos por um certo retorno à prática humanística da filologia:

What I have been calling philological, that is, a detailed, patient scrutiny of and a lifelong attentiveness to the words and rhetorics by which language is used by human beings who exist in history: hence the word ‘secular’, as I use it, as well as the word ‘worldiness’.²⁰

¹⁷ Edward Said, *Culture and Imperialism* (London: Chatto & Windus, 1983), p. xii.

¹⁸ Edward Said, *Representations of the Intellectual: The 1993 Reith Lectures* (London: Vintage Books, 1994), p. 102.

¹⁹ Jon Nixon, “Towards a Hermeneutics of Hope: The Legacy of Edward W. Said” (*Discourse: Studies in the Cultural Politics of Education*, 27, 3, 2006), pp. 348-349.

²⁰ Edward Said, *Humanism and Democratic Criticism*, p. 61.

Para Said, o texto é *worldly*, com implicação nas reais condições sociais e políticas: a sua produção é o facto mais relevante da sua existência, não obstante as constrações que se possam verificar na sua produção e receção. A *worldliness* implica assim a articulação do texto com a realidade política, social e cultural de que fala (a desposseção, a injustiça, a marginalidade e a sujeição²¹).

Em resposta a muitos dos seus críticos, Said sublinha que já na primeira edição de 1978 quis “utilizar a crítica humanística”, defendendo uma noção ampla de humanismo²², renovado e democrático, cosmopolita e emancipador (que incorpora e ilumina), capaz de estudar e revelar a vivência de outros povos. As humanidades, diz, versam a “secular history, the products of human labor, the human capacity for articulate expression”²³. Por outro lado, considera a esfera do humanismo e a esfera da literatura fortemente articuladas. Por fim, destaca a função subversiva da leitura humanista²⁴, apesar de admitir que este retorno ao projeto da filologia é pouco moderno e atrativo. No entanto, chama a atenção para o facto de Nietzsche se ter identificado sobretudo como um filólogo²⁵ e de a leitura filológica ser uma pesquisa aberta ao mundo e “a mais elementar e criativa das artes interpretativas”²⁶: “a sympathetic dialogue of two spirits across ages and cultures who are able to communicate with

²¹ Bill Ashcroft e Pal Ahluwalia, *Edward Said* (London/New York: Routledge, 2001), p. 16.

²² “Chamo ao que tento fazer ‘humanismo’, e continuo teimosamente a utilizar a palavra apesar da destituição escarninha que o termo sofreu pela mão dos mais sofisticados críticos pós-modernos. Com humanismo pretendo dizer, em primeiro lugar, dissolver as ‘algemas forjadas pela mente’, de que fala Blake, para que possamos empregar a nossa mente de forma histórica e racional, na compreensão ponderada e na descoberta genuína. Mas o humanismo alicerça-se num sentido de comunidade com outros intérpretes e com outras sociedades e períodos; portanto, para ser rigoroso, não existe nada sequer parecido com um humanismo isolado.” Edward Said, *Orientalismo*, p. xviii.

²³ Edward Said, *Humanism and Democratic Criticism*, p. 15.

²⁴ Procura assim afastar um certo sentido tradicionalista e conservador associado ao termo. Cf. Edward Said, *Humanism and Democratic Criticism*, p. 28.

²⁵ Edward Said, *Humanism and Democratic Criticism*, p. 57.

²⁶ Edward Said, *Orientalismo*, p. xx; Cf. Edward Said, *Humanism and Democratic Criticism*, p. 59.

each other as friendly, respectful intelligences trying to understand each other from the other's perspective.”²⁷ Para este acolhimento funcionar, o humanista recolhe-se e dá lugar ao outro, concede-lhe “hospedagem”²⁸. A missão do intelectual tem assim um objetivo humanístico e prático, especialmente em caso de conflito, como no caso israelo-palestiniano. A filologia e o humanismo aparecem deste modo como um modelo que possibilita a coexistência e a hospitalidade²⁹, em vez da corrente hostilidade:

Falarei agora de um modelo alternativo diferente que tem sido muitíssimo importante para o meu trabalho. Como humanista cuja área de estudo é a literatura, tenho idade suficiente para me ter dedicado, há quarenta anos, ao campo da literatura comparada [...]. O mais admirável exemplo é, na minha opinião, o interesse de Goethe pelo Islão em geral, e por Hafiz em concreto, uma paixão que o consumia e que levou à composição de *West-Östlicher*, e que influenciou as ideias posteriores de Goethe acerca da *Weltliteratur* [...].³⁰

O humanismo é assim uma forma de recepção do “outro” e, simultaneamente, o único modo de resistência “às práticas inumanas e às injustiças que desfiguram a história humana”, enquanto desejo de esclarecimento, emancipação e libertação, porque se constitui “como prática ativa de um discurso racional secularizado”. Nesse sentido, Said diz que “Gostaria de acreditar que *Orientalismo* teve um lugar no caminho longo e muitas vezes interrompido para a liberdade humana.”³¹

Até que ponto pode o “estilo tardio” de Edward Said esclarecer-nos sobre o seu itinerário político? Será possível deduzir daí a existência de um retrocesso no seu itinerário político? É o que procuraremos ver através da sua sua póstuma e incompleta obra, *On Late Style: Music and Literature Against the Grain*, em que Edward Said trabalha a hipótese de

²⁷ Edward Said, *Humanism and Democratic Criticism*, p. 92.

²⁸ Cf. Edward Said, *Humanism and Democratic Criticism*, p. 80.

²⁹ Cf. Edward Said, *Orientalismo*, p. xix.

³⁰ Edward Said, *Orientalismo*, pp. xix-xx.

³¹ Edward Said, *Orientalismo*, p. xxv.

os artistas, sob a influência da idade avançada ou da doença, adotarem um “estilo tardio”, conceito que Adorno aplicou à música da terceira fase de Beethoven. Não se aplicarão ao próprio Said as reflexões que ele elabora sobre o “estilo tardio” de alguns escritores e artistas?

Nesta obra, Said estuda a relação entre a condição corporal e o estilo estético, sem esconder os seus propósitos autobiográficos, como confessa noutro texto publicado postumamente, intitulado “Thoughts on Late Style”:

These issues, which interest me for obvious personal reasons, have led me to look at the way in which the work of some great artists and writers acquires a new idiom towards the end of their lives - what I’ve come to think of as a late style.³²

Segundo Said, o “estilo tardio” dos artistas revela muitas vezes uma maturidade especial, um espírito de reconciliação e serenidade, mas noutros casos caracteriza-se pela não resignação³³. Em *On Late Style* (2006), delimita longamente estas duas possibilidades. No primeiro caso, o “estilo tardio” implica um amadurecimento sereno e uma aceitação apaziguadora da existência. A segunda hipótese, que Said claramente prefere, implica contradição, falta de harmonia, intransigência e não resignação:

Each of us can readily supply evidence of how it is that late works crown a lifetime of aesthetic endeavor. Rembrandt and Matisse, Bach and Wagner. But what of artistic lateness not as harmony and resolution but as intransigence, difficulty, and unresolved contradiction? What if age and ill health don’t produce the serenity of ‘ripeness is all’?³⁴

É esta situação que lhe interessa de modo particular, como afirma:

³² Edward Said, “Thoughts on Late Style” (*The London Review of Books*, 26, 15, 2004), p. 1.

³³ Edward Said, “Thoughts on Late Style”, p. 10.

³⁴ Edward Said, *On Late Style: Music and Literature Against the Grain* (New York: Pantheon Books, 2006), p. 7.

It is this second type of lateness as a factor of style that I find deeply interesting. I'd like to explore the experience of late style that involves a nonharmonious, nonserene tension, and above all, a sort of deliberately unproductive productiveness going *against*. . .³⁵

O *estilo tardio* de Said parece estar condensado nesta afirmação de uma procura incessante e não resignada da liberdade humana, mesmo quando o autor se “exila” voluntariamente da esfera da ação política direta. Deste modo, as palavras com que descreve o “estilo tardio” de Beethoven podem servir para falar da sua própria fase final: “His late works constitute a form of exile.”³⁶ O *estilo tardio* de Edward Said, que acaba por ser o seu testamento ou legado, marcado por uma fuga da ação política direta, volta-se assim para a filologia, para o humanismo e para a literatura. Mas, como referimos, essa sempre foi a área de estudo de Said. No entanto, à semelhança de Auerbach, a obra final de Said adquire um tom elegíaco, mas corajoso, marcado pela vivência de um exílio permanente (palestiniano e protestante, ocidentalizado e professor nos EUA) e pelo constante desejo de promover o diálogo entre os povos.

As ideias de Said sobre o “estilo tardio” são, pelo menos, iluminadoras em relação ao seu itinerário. Em termos temáticos, tanto nos seus livros académicos como ensaísticos³⁷, centrou-se na importância da filologia hermenêutica, da crítica secular e do humanismo “democrático” como modos exemplares de diálogo. Se estes temas estão presentes ao longo de toda a sua obra, é nos últimos anos da sua vida, marcados pela forte presença da doença, que lhes confere uma ênfase crescente. Ao mesmo tempo, como se pode ver a propósito da interpretação de Adorno do “estilo tardio” de Beethoven, Edward Said valoriza sobretudo a sua resistência: “Late style is what happens if art does not abdicate its rights in favor of reality.”³⁸

³⁵ Edward Said, *On Late Style: Music and Literature Against the Grain*, p. 7.

³⁶ Edward Said, *On Late Style: Music and Literature Against the Grain*, p. 8.

³⁷ Incluímos neste “último Said” os textos do jornalismo político que exerceu de modo intenso; Edward Said, *From Oslo to Iraq and the Road Map* (New York: Pantheon Books, 2004).

³⁸ Edward Said, *On Late Style: Music and Literature Against the Grain*, p. 9.

Assim, apesar de uma certa continuidade, torna-se evidente que Said se mostra um resistente (“não resignado”). Deste modo, pensamos poder concluir que não há uma regressão no itinerário político de Edward Said. O “estilo tardio” de Said é um apelo à resistência, embora a desloque do plano da ação prática para uma esfera humanística, substituindo a resistência pela recepção e a hostilidade pela hospitalidade. E esse é, a nosso ver, o seu grande legado político.